**O PERCURSO MÍTICO DO MEIO-DIA
(ANÁLISE SIMBÓLICA DE UM POEMA DE AIMÉ CÉSAIRE) ¹**

Maria Bernardette Velloso Porto

A palavra de Aimé Césaire é marcada por um profundo sentimento cósmico que se revela, de modo particular, em sua poesia. Redescobrimo a primitiva face da natureza, o poeta restabelece o parentesco original entre o homem e o universo. Através de seu discurso, permite a recuperação de um passado mítico, em que o homem participava ativamente das forças naturais. Entretanto, o verbo cesairiano apresenta também um sentido pragmático: voltando-se para o tempo de seus ancestrais, o poeta o projeta em direção ao futuro. Neste sentido, a sua palavra constitui uma "arma milagrosa", através da qual afirma a sua maneira de estar no mundo e de se fazer.

O conjunto poético *Les armes miraculeuses*, publicado em 1946 pela Editora Gallimard, não mereceu ainda estudos críticos à sua altura. Escolhemos, para objeto de análise de nossa dissertação de mestrado, o poema "Le grand midi". Texto denso e vigoroso, revela o encontro entre o surrealismo e a concepção da negritude, entre mitos greco-latinos e mitos africanos.

Sua interpretação se vê dificultada pela inexistência de uma boa bibliografia crítica sobre seu autor. De modo geral, as leituras feitas da obra poética de Césaire, em número reduzido, preocupam-se ora em realçar o engajamento do poeta, ora em parafrasear o próprio texto, como é o caso dos estudos de Kestellot, Kotchy e Juin.

Os 180 versos do poema acham-se distribuídos em 40 estrofes de extensão variada, onde a ausência de rimas se deve a uma extrema liberdade formal. Iniciando *in media res*, o texto se apresenta como um fragmento,

1 Dissertação de Mestrado em Literatura Francesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

havendo a sugestão de uma continuidade em relação a um passado; terminando em aberto, insinua possibilidades futuras.

Em virtude da dificuldade de compreensão do poema, marcado pela sucessão de imagens surrealistas, optamos, em primeiro lugar, por uma leitura semântica. Depreendemos então os três grandes movimentos do poema, que correspondem aos diferentes gestos posturais assumidos pelo herói.

Inicialmente, o poeta se conserva ereto, recusando todo descanso, visto como sinal de fraqueza contrária à ética heróica. Em seguida, conhece, por momentos, a sensação de desânimo: novo Atlas, cai de joelhos, esmagado pela carga que suporta sobre os ombros. Enfim, ergue-se de novo, apesar das condições adversas. Carrega ainda um peso semelhante ao que sustentava anteriormente, mas adota agora uma superioridade que lembra a do Sísifo trágico segundo Camus.

É preciso analisar o poema dentro do contexto da negritude, que encontrou em Césaire um dos seus mais expressivos arautos. Assim, o drama do herói é, antes de tudo, o sacrifício e a paixão do homem negro. E se o texto pode ser lido à luz da mitologia ocidental, é sobretudo a partir da herança da filosofia africana que certas imagens se esclarecem.

Para melhor depreender a repercussão de valores negros na poesia cesairiana, recorreremos, em particular, aos estudos de Jahn sobre diferentes manifestações da cultura neo-africana. Da mesma forma, a leitura de textos sobre religiões e cultos africanos deu-nos subsídios valiosos para o entendimento do poema. Assim, foram consultados: *Muntu!* e *Las literaturas neoafricanas de Jahn e La terre africaine et ses religions* de Thomas e Luneau.

Para o homem africano, tudo depende do *Nommo*, palavra-esperma, que é o princípio de vida e impulso necessário para a continuidade do cosmos. Quanto ao discurso do poeta, ele representa uma manifestação maior do *Nommo*. Como tal, engendra as transformações do mundo. Voltada para o futuro, a poesia de Césaire se reveste, como quer Sartre, de um sentido evangélico.

No segundo capítulo de nossa dissertação, empreendemos uma análise mais sistemática do imaginário, procurando estabelecer as redes de relações das imagens recorrentes do texto. Recorreremos então à análise durandiana, sempre valiosa para a compreensão de textos marcados pelo surrealismo (cf. DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris, Bordas, 1969).

Dando continuidade aos trabalhos de Bachelard, Eliade, Dumézil e outros, inspirando-se em Jung e em Piaget, Gilbert Durand procurou restaurar o prestígio da imaginação, considerada como a "folle du logis" no pensamento ocidental. Para isto, levou em conta o conjunto das ciências que se reportam ao homem, tais como a mitologia, o simbolismo religioso, a psicanálise e a iconografia.

Segundo a sua arquetipologia geral, a classificação das imagens revela a existência de dois regimes antagonistas, onde elas se organizam em verdadeiras constelações. Ao *regime diurno*, marcado pela antítese, se opõe o *regime noturno*, lugar da antífrase e da eufemização.

Essa divisão bipartida de regimes do imaginário corresponde a gestos reflexológicos. Ao enfatizar o ideal de soberania e elevação, o *regime diurno* coloca em relevo a dominante postural. Quanto ao *regime noturno*, orienta-se em duas direções precisas: por um lado, associa-se à dominante digestiva, através da valorização dos alimentos e da intimidade (*regime noturno místico*); por outro lado, dá ênfase à dominante copulativa, através das técnicas do ciclo e do calendário agrícola (*regime noturno sintético*).

Os gestos reflexológicos remetem a esquemas relativos aos diferentes regimes: ao gesto postural diurno equivalem os esquemas da verticalização ascendente e os esquemas dieréticos (isto é, esquemas que enfatizam os cortes); o gesto digestivo se associa aos esquemas da descida e da penetração; o gesto copulativo se conjuga com os esquemas rítmicos e progressistas.

Retomando a leitura do poema à luz do modelo durandiano, observamos que o texto não se explica inteiramente dentro de apenas um dos regimes propostos. Podemos falar aqui de uma conversão de regimes: se os dois primeiros movimentos prendem-se ao regime diurno, o último se refere ao regime noturno sintético.

Evidencia-se o regime diurno pelo maniqueísmo das imagens, em séries como: deslocamento/estagnação, mobilidade/reposso, aventura/segurança, expansão/enclausuramento. Assim, a tendência para a ação se confronta com o apelo ao descanso, da mesma forma como o impulso ascensional se opõe à queda vertiginosa.

Na abertura do poema, ao se preparar para a revolta, o herói corta os laços do conformismo e da inércia. Este gesto se associa aos reflexos posturais do regime diurno: é a liberação da mão humana para a realização de grandes feitos.

Se em algumas passagens do texto, o prestígio de centros protetores parece evidente, é preciso assinalar que tais momentos equivalem a uma fraqueza passageira do herói. Não estamos, pois, diante do *regime noturno místico*, onde a procura da intimidade e do enclausuramento é valorizada positivamente.

É sobretudo no terceiro movimento que se nota a passagem do regime diurno para o noturno, quando o herói abandona a sua ascensão, para descer no interior de uma floresta ardente. Agora, a queda não é mais motivo de pânico, mas se eufemiza em descida suave que prefigura uma nova ascensão.

Uma revisão de todo o poema confirma a harmonização de elementos contraditórios, a *coincidentia oppositorum*. Na verdade, dentro da imaginação noturna do tipo sintético, se explicam as fases de euforia e de disforia que se apoderam do poeta. Assim, é necessário que o herói conheça o fracasso e caia de joelhos, para restaurar a sua dignidade. Tendo aprendido a cair e a se elevar, poderá descer sem riscos, ao fundo da floresta para melhor subir.

A partir daí se explicam os arquétipos essenciais típicos deste regime do imaginário. O herói, identificando-se a Hermes Trismegista, deus das viagens, assume a possibilidade de uma transcendência ao alcance do homem. Seu sacrifício voluntário (a morte pelo fogo) se inscreve na linha de um ritual alquímico, possibilitando a aceleração da história e o domínio do tempo.

O itinerário percorrido pelo herói remete, sem dúvida, ao longo percurso empreendido pela raça negra, através da história. Deparando-se com obstáculos de natureza diversa, o negro conheceu freqüentemente o fracasso e a humilhação ultrajantes que o obrigaram a adotar a posição do Atlas vencido. A solução encontrada pelo poeta é bastante otimista, na medida em que vê no negro o demiurgo ativo para a preparação do amanhã. Recusando-se a ser um mero espectador de seu próprio drama, o herói parte para a ação. A marcha em direção à terra prometida constitui a busca de sua própria identidade. Assim, a conquista do meio-dia escaldante corresponde, em última análise, à redescoberta da África mítica, das suas lepras e dos seus tantãs.